

O RETÁBULO DA CAPELA DE SANTA LUZIA DO ANTIGO DO PARQUE SOUZA SOARES: PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

Andréa Lacerda Bachettini

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural,
Mestre em História, Especialista em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis Especialista em
Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos.
Professora do Instituto de Ciências Humanas, UFPel, RS.
bachetta@terra.com.br

Daniele Baltz da Fonseca

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural,
Mestre em Arquitetura e Urbanismo com ênfase em Conservação e Restauro de Monumentos,
Professora do Instituto de Ciências Humanas, UFPel, RS.
daniele_bf@hotmail.com

Fabiane Rodrigues de Moraes

Conservadora e Restauradora de Bens Culturais Móveis.
Bolsista PET do Curso de Conservação e Restauro do ICH/UFPel,
Estagiária do Museu Municipal Parque da Baronesa.
fabiane.moraes@yahoo.com.br

Keli Cristina Scolari

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural,
Especialista em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis,
Conservadora e Restauradora de Bens Culturais Móveis da UFPEL.
keliscolari@yahoo.com.br

239

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo relatar os estudos sobre retábulo de Santa Luzia, altar em madeira policromada e dourada, que pertenceu à Capela de Santa Luzia, localizada no antigo Parque Souza Soares e que hoje se encontra exposto, desde sua doação, no Museu Municipal Parque da Baronesa na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O estudo teve como objetivo responder alguns questionamentos a partir do estado de conservação, do valor simbólico atribuído ao objeto, assim como as condições ambientais e expográficas. E, também, quais seriam as alternativas de conservação deste bem visando a sua preservação e a fruição com o observador. O retábulo da Capela de Santa Luzia estava localizado originalmente no antigo Parque Pelotense, também conhecido como Parque Souza Soares, e servia para celebrações e cultos da família proprietária do parque.

Palavras-chave: Retábulo de Santa Luzia, Devoção, Conservação Acervo Museológico.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo relatar os estudos sobre retábulo de Santa Luzia, altar em madeira policromada e dourada, que pertenceu à Capela de Santa Luzia, localizada no antigo Parque Pelotense e que hoje se encontra exposto, desde sua doação, no Museu Municipal Parque da Baronesa na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O estudo teve como objetivo responder alguns questionamentos a partir do estado de conservação, do valor simbólico atribuído ao objeto, assim como as condições ambientais e expográficas. E, também, quais seriam as alternativas de conservação deste bem visando a sua preservação e a fruição com o observador.

O retábulo da Capela de Santa Luzia estava localizado originalmente no antigo Parque Pelotense (FIG. 1), também conhecido como Parque Souza Soares foi chamado assim por causa do seu proprietário e servia para celebrações e cultos da família proprietária do parque. Esse parque foi fundado em 2 de fevereiro de

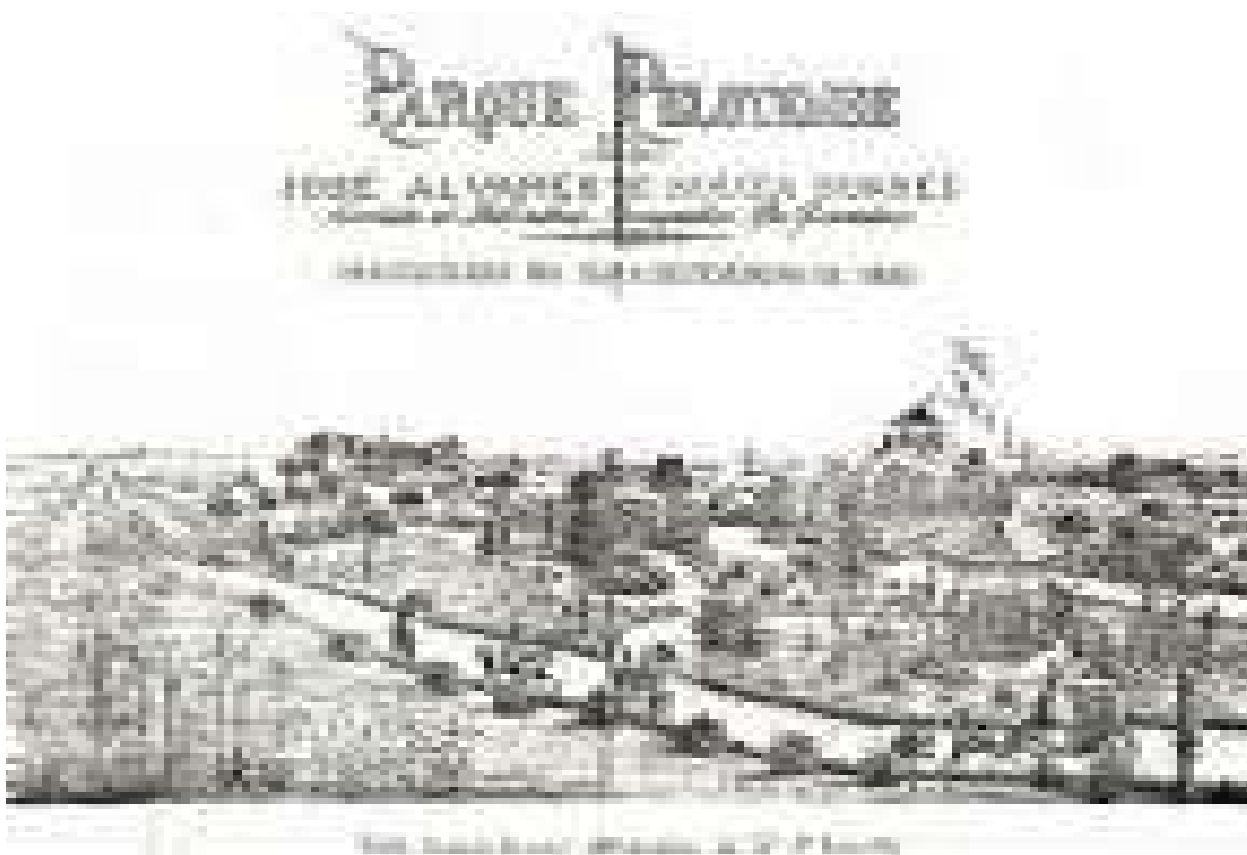


Figura 1: Vista do Antigo Parque Pelotense.

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-YxjnsGQ70FQ/Uc88cMA6kcI/AAAAAAAAAB4k/216POiUP1fs/s801/10.jpg>

240

1883, por José Álvares de Souza Soares¹ (FIG. 2) ou Visconde de Sousa Soares². Em uma área de 20.000 m² que apresentava lagos, jardins, pontes, plantações, estufas e chalés espalhados pelo terreno ou Parque Souza Soares.

A Capela de Santa Luzia (FIG. 3) foi construída devido ao pagamento de uma promessa, José Álvares de Souza Soares que acometido de um problema de visão, ficou curado e ergueu a capela em honra à Santa Luzia. A capela foi concluída e inaugurada no dia 13 de dezembro de 1903, dia de Santa Luzia.

O retábulo de Santa Luzia (FIG. 4) foi confeccionado pelo artista pelotense Artur Quintas entre os anos de 1899 e 1901, sua imaginaria veio de Vila Nova de Gaia/Portugal, constituída por um Jesus crucificado, um São Bento e uma Santa Luzia foram esculpidos por Fernando Caldas e policromados por Albino Barboza em 1901.

A decadência econômica da empresa Sociedade Medicinal Sousa Soares de propriedade do Sr. José Álvares de Souza Soares entre as décadas de 1950 e 1960 fez com que o parque, as edificações e parte do acervo fossem desmembrados entre os herdeiros e vendidos.

Após o fechamento do Parque Souza Soares em 1979, o altar e suas imagens foram transferidos para o Museu Municipal Parque da Baronesa (FIG. 5), em data desconhecida, sabe-se conforme a documentação do museu que no ano de 1983, as peças já constavam como acervo, mas somente em 1995 foram doados oficialmente ao museu através de carta de doação.

¹ Nasceu em Vairão Vila do Conde, Portugal, em 24 de fevereiro de 1846, após a morte de seus pais veio para o Brasil, acabou fazendo residência em Pelotas no ano de 1874. Era farmacêutico, trabalhou com a fabricação de remédios, dedicou-se com afinco aos estudos de botânica e química, criou empresa Sociedade Medicinal Sousa Soares, tendo êxito e fazendo fortuna. Adquiriu grande área de terras, onde foi construído o Parque Pelotense.

² Título recebido quando este voltou para Portugal em 1904.



Figura 2: Retrato de José Álvares de Souza Soares. Fonte: Leonor de Souza Soares, 2012.

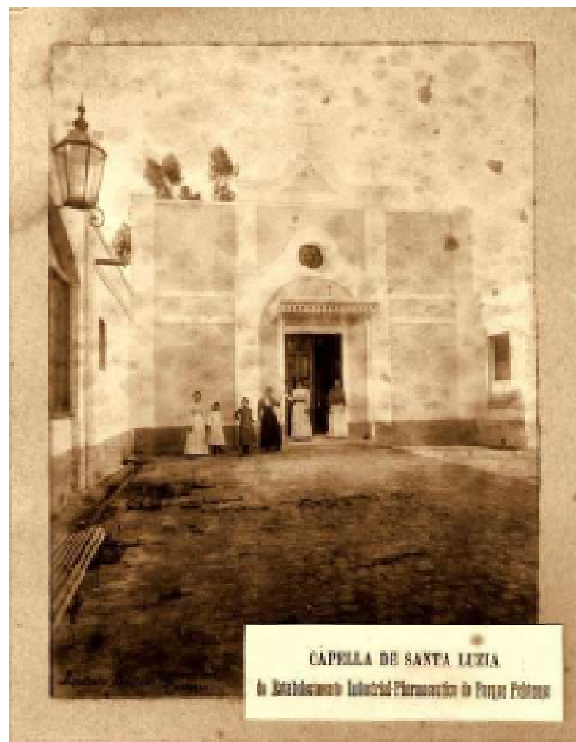


Figura 3: Imagem externa da Capela de Santa Luzia. Fonte: Carmen Reis, 2012.

Descrição e estado de conservação

O retábulo foi confeccionado em madeira de cedro³, com policromia azul, marrom e com douramento, este possui três nichos trilobulados (FIG. 6), arcos em ferradura e ornatos com folhas de acanto que lembram o neomourisco. Segundo Arnaldo Puig (1989, p.54), o estilo mulçumano ou mourisco tem como característica:

[...] o emprego do arco de ferradura, de influência visigótica, e arco sobrepostos, de influência romana, para além de arcos de três e de cinco lóbulos. Em combinação e sobreposição cruzadas muito originais. [...] os capitéis são de estilo romano decadente, ou então com ligeiro desbaste, muito lavrados com motivos florais estilizados.

Atualmente o retábulo encontra-se exposto em uma pequena sala (passadiço) no Museu Municipal Parque da Baronesa, devido ao pouco espaço de exposição o altar esta dividido em duas partes: a primeira com balcão, sacrário e duas imagens de Santa Luzia e de São Bento e a segunda com a estrutura retabular superior com três nichos e uma imagem do Jesus Crucificado apoiado diretamente no chão.

No museu o conjunto retabular encontra-se com sua leitura prejudicada, a forma de exposição não propicia ao espectador a visualização e a fruição, pois a sala em que está exposto tem um pé direito de 3,10 cm enquanto o altar possui 4,55 x 2,77 x 0,87 cm. Outro a agravante é o estado de conservação da sala onde se encontra o retábulo e as imagens, a sala possui diversas infiltrações ascendentes e de uma tubulação de água antiga.

Segundo as Normas de Quito de 1967 – Reunião sobre Conservação e utilização de Monumentos e Lugares de interesse Histórico e Artístico, em Nov/dez de 1967:

[...] a idéia do espaço é inseparável do conceito do monumento. [...] torna-se imprescindível estender a devida proteção a outros bens e objetos valiosos do patrimônio cultural para evitar a continua deterioração [...] mediante adequada exposição de acordo com a moderna técnica museográfica.

³ Segundo o Prof. Dr. Darci Gatto, do curso de Engenharia Industrial Madeireira da UFPel, em uma análise organoléptica, feita durante sua visita ao museu em 2012, identificou a madeira como sendo cedro por apresentar características como: cor castanha avermelhada, textura grossa, superfície lustrosa e cheiro característico.

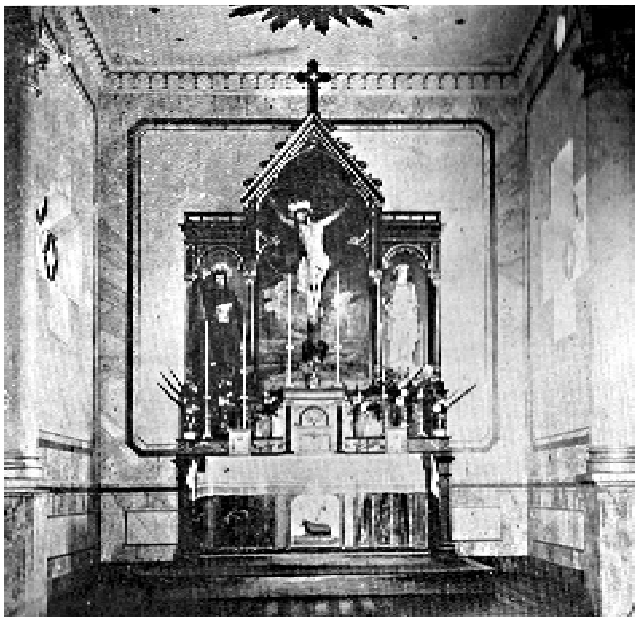


Figura 4: Imagem mostra área interna da Capela de Santa Luzia, onde se observa o retábulo com suas imagens. Fonte: Carmem Reis, 2012.



Figura 5: Fachada do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas – RS/Brasil. Fonte: Marcelo Madail, 2011.

Quanto ao estado de conservação do altar apresenta muitas perdas decorrentes da passagem do tempo, da ação do homem e da variação climática. Esse conjunto de fatores trouxe vários danos à peça. No altar, é possível notar: sujidades generalizadas, abrasões, craquelês, perdas da policromia, fissuras e rachaduras do suporte, o deslocamento e perda de alguns suportes de madeira, perdas de vários ornamentos, perda das colunas de sustentação e do fundo do retábulo (que reproduzia o céu azul com nuvens brancas), possui vestígios de ataque de insetos (xilófagos), oxidação e perda de peças metálicas. Portanto, seu estado de conservação pode ser considerado regular, mesmo com as degradações existentes.

242

No levantamento gráfico do estado de conservação observa-se a falta do painel que fechava a parte de trás do retábulo, além das duas colunas que serviam de sustentação, peças fundamentais para ligação das partes superior e inferior. São observadas ainda que a porta do sacrário e a cruz do alto do retábulo não estão mais presas ao retábulo, por isto, foram acondicionados na reserva técnica do museu.

Sabe-se que a conservação de objetos deve ser contemplada desde o momento em que os objetos são adquiridos pelos museus. O altar estando em ambiente museológico necessita de cuidados especiais. Percebe-se que as condições expositivas não são favoráveis à conservação da obra o que esta contribuindo para o surgimento de várias patologias. Mesmo o retábulo estando em uma sala muito pequena e dividido em duas partes o seu valor simbólico continua através da fé e da carga que esse objeto representa.

Segundo a diretora do museu, Annelise Montone (2012), a carga simbólica do conjunto retabular e suas três imagens, é muito grande, pois muitos visitantes pedem para ornamentá-lo com flores, tocá-lo, fazer e pagar promessas diante dele. Todo o dia 13 de dezembro, dia da celebração à Santa Luzia, o altar era transferido da sala de guarda para fora do museu ou para o salão de festa para realização de missas campais. A realização destas missas e uso de peças do acervo sempre ficava a critério da direção da instituição (FIG. 7). O valor religioso e simbólico deste bem muitas vezes esbarra na conservação, sendo necessário buscar alternativas para que o bem possa ser usufruído pela comunidade.

Conclusão

Finalizando, as marcas da passagem do tempo, as condições climáticas e a ação do homem, foram alguns dos fatores causaram diversos danos ao altar. A partir deste estudo foi possível diagnosticar e mapear os danos: fissuras, rachaduras, perda de policromia e perda de ornamentos, bem como de partes estruturais inteiras. Estas foram algumas das patologias identificadas pelo levantamento realizado. As deteriorações apresentadas, possivelmente, são decorrentes da ação do homem e principalmente do ambiente em que o altar está exposto.



Figura 6: Arco trilobulado no nicho central do altar de Santa Luzia.

Fonte: Fabiane Moraes, 2012.



Figura 7: Imagem da Missa Campal realizada em frente ao Museu, no dia da celebração de Santa Luzia.

Fonte: Leonor Souza Soares, 2012.

Percebe-se que as condições expositivas não são favoráveis à conservação da obra o que contribuiu para o surgimento de danos. Um espaço adequado para o altar deve contemplar as necessidades de sua conservação, sua fruição e do conforto do espectador.

Acredita-se, portanto, que para sua melhor conservação seria necessária sua mudança. A troca de local poderia trazer benefícios, o altar seria montado de forma adequada, conforme foi concebido pelo artista. Os santos seriam colocados em seus locais de origem, dando oportunidade para público usufruir desde bem cultural, respeitando e preservando sua função social mesmo dentro de um espaço museológico, assim contribuindo com a preservação desse patrimônio cultural e bem como a memória do Parque Pelotense Souza Soares.

243

Agradecimentos

À diretora do Museu Municipal Parque da Baronesa Annelise Montone, ao Prof. Dr. Darci Gatto do Laboratório de Engenharia Madeireira da UFPEL, às Senhoras Leonor de Souza Soares e Carmem Reis pertencentes à família Souza Soares e ao Curso de Conservação e Restauro do ICH/UFPEL.

Referências

BOTELHO, Rejane e PORTELA, *Ana Margarida*. Fotos Contam uma Historia de Portugal em Pelotas. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPEL, 2010.

Glosario de términos artísticos relacionados con los retablos. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/actcult/art_reli/retablos/glosario.htm. Acesso em 08/02/2013.

PUIG, Arnaldo Grau- Síntese dos Estilos Arquitetônicos. Lisboa: Plátano Editora, 1989, pág. 54.

GOMES, Maria Isabel Chaves. Bienes Culturales Muebles – Manual para inventario. Bogotá: Editorial Escala, 1991.

MORAES, Fabiane Rodrigues. Um Estudo sobre o Altar de Santa Luzia – Monografia. Pelotas: Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais /ICH/UFPEL, 2013.

NORMAS DE QUITO. Reunião sobre Conservação e utilização de Monumentos e Lugares de interesse Histórico e Artístico. Quito: Organização dos Estados Americanos-O.E.A, Nov/dez de 1967. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=238>. Acesso em 08/02/2012.